



DISCURSO “O ESTADO DO SETOR”

Senhor Secretário de Estado da Economia,
Senhor Presidente da CCDR-N,
Senhor Presidente da CIP,
Senhor Administrador do Banco Português de Fomento e restantes representantes,
Senhores representantes do IAPMEI, da Norgarante, senhores representantes dos municípios,
centros tecnológicos, de formação e universidades,
Senhores Empresários,
Minhas Senhoras e Meus Senhores,

Reunimo-nos hoje num momento histórico, mas também decisivo.

Histórico, porque celebramos 60 anos de percurso associativo na defesa dos interesses das empresas e dos trabalhadores da Indústria Têxtil e do Vestuário (ITV) portuguesa, uma das mais significativas da economia nacional: 125 mil empregos diretos, 8,4 mil milhões de euros de volume de negócios, 6 mil milhões de euros de exportações, saldo positivo na balança comercial e presença consolidada em mais de 180 mercados, representando cerca de 8% das exportações de bens e 17% do emprego e 10% do VAB da indústria transformadora.

Decisivo, porque estamos sob ameaça. O modelo de negócio tradicional foi abalado e os sinais de erosão da base produtiva são cada vez mais visíveis. Uma nova conjuntura económica e também mudanças estruturais no consumo, na sociedade e na geopolítica.

1. Atravessámos crises sucessivas que testaram a nossa resiliência

A ITV portuguesa é um exemplo europeu de adaptação. Resistimos à crise financeira de 2008, à pandemia, à disrupção global das cadeias logísticas, à escalada de custos energéticos, à inflação... e agora enfrentamos a nova vaga de protecionismo económico iniciada com as guerras tarifárias promovidas pelos EUA sob a administração Trump, que aceleraram a fragmentação do comércio internacional e a incerteza.

Acresce o impacto do **ultra fast fashion** digital, a desregulação no **e-commerce**, os constrangimentos do mercado único e a rigidez interna de políticas que nos impedem de reagir com rapidez e eficácia.



2. O novo inimigo invisível: as plataformas de e-commerce desreguladas

A maior ameaça para a indústria europeia hoje não está só nas fábricas da Ásia, mas nos ecrãs dos consumidores ocidentais.

Plataformas de comércio eletrónico ultrarrápidas, suportadas por IA e pelos seus governos, estão a ocupar o centro do consumo europeu com:

- Produtos sem rastreabilidade,
- Preços de dumping social e ambiental,
- Evasão de impostos como o IVA, conforme identificado pelo Tribunal de Contas Europeu,
- Aproveitamento abusivo de regras criadas noutra contexto e que já deveriam ter sido revistas há muitos meses – os "minimis",
- Zero controlo alfandegário à entrada no mercado europeu.

Isto não é concorrência. É sabotagem silenciosa da produção europeia. E a passividade institucional está a empurrar o nosso setor para um ponto de não retorno.

Num momento em que encolhemos, eles conseguem crescer a dois dígitos, colocando na Europa mais de 12 milhões de pacotes por dia.

3. A Europa precisa de uma escolha clara: quer ter indústria ou apenas consumo?

Ou temos política industrial com visão, ou ficaremos reduzidos a um mercado aberto onde tudo entra e quase nada é produzido aqui.

Este Fórum é também um apelo à Comissão Europeia, aos governos nacionais e à CCDR: Se queremos manter a produção industrial na Europa, temos de agir com a mesma determinação sobre o mercado, os importadores e os produtores fora da UE com que agimos sobre a indústria europeia.

Falamos frequentemente em política industrial europeia, em reindustrialização, mas na prática estamos a assistir a uma desindustrialização. Continuamos a perder indústria na Europa e em Portugal. As medidas ou não existem ou não têm sido eficazes face às necessidades e à urgência.

4. Temos oportunidades, mas precisamos de medidas que funcionem

As oportunidades estão aí:

- A procura por moda sustentável e circular está a crescer, mas precisamos de investir mais na educação dos consumidores para que valorizem a sustentabilidade e a durabilidade.



- As tecnologias de digitalização, automação e robotização tornam possível produzir mais com menos, mas é necessário que as empresas tenham condições para investir nestas tecnologias e na inovação.
- No contexto da sustentabilidade, há maior procura pelo *nearshoring*, mas Portugal tem de garantir que as suas empresas continuam competitivas para permanecerem na cadeia de fornecimento global.
- O caminho do B2B para o B2C, com marcas próprias e *branding* “Made in Portugal”, já começou, mas é preciso acelerar — e, para isso, ter a capacidade de replicar os modelos de IA já utilizados pelas plataformas digitais de comércio, que estão a ter um sucesso explosivo.

Não poderemos aproveitar estas oportunidades se não existirem condições fiscais, financeiras e regulatórias adequadas.

É por isso que hoje, aqui, deixamos um conjunto de propostas concretas — medidas realistas, exequíveis e com impacto direto — que visam desbloquear o potencial do setor e garantir que estas oportunidades não se transformam em mais uma promessa adiada.

5. As propostas são claras, exequíveis e alinhadas com o interesse nacional

a) Financiamento e Energia: garantir liquidez e mitigar custos externos

1. Linhas de crédito garantidas pelo Estado, replicando o modelo da pandemia, com critérios simples: por trabalhador, por consumo energético, por impacto no território.
2. Apoios automáticos a custos energéticos excessivos, ativados sempre que os preços ultrapassem os 100 €/MWh (eletricidade) ou 40 €/MWh (gás natural).

b) Fiscalidade e Incentivos: premiar o esforço e o investimento

3. Reforma fiscal para incentivar o trabalho e o esforço: é urgente isentar de IRS o valor das horas extra até ao equivalente a dois salários mínimos mensais. Trabalhar mais não pode significar ser penalizado.
4. Incentivos ajustados à maturidade do setor, com critérios realistas centrados na produtividade, competitividade e sustentabilidade. Simplificar todo o processo de candidatura: menos burocracia, regras estáveis e sistemas informáticos fiáveis. Garantir aprovações e pagamentos céleres, com despesas elegíveis mais amplas. Evitar penalizações abusivas e exigências “extras” sem fundamento real.



c) Qualificações e Inovação: preparar o setor para o futuro

5. Formação profissional focada nas competências tradicionais, mas também na sustentabilidade, digitalização, automação, design técnico, gestão de marca, dados e inteligência artificial.

6. Apoios à inovação e à adoção tecnológica, nomeadamente em IA, IoT, robotização e ferramentas digitais de ligação ao consumidor final.

d) Internacionalização e Marca Portugal: escalar o valor do setor

7. Apoios reforçados à internacionalização e à criação de marcas próprias, estendidos também a empresas de média e grande dimensão, para reforçar o posicionamento global do “Made in Portugal”.

Para os consumidores ocidentais, produzir em Portugal é hoje sinónimo de qualidade, sustentabilidade e responsabilidade social. Mas precisamos de investir muito mais na promoção da marca Portugal e da sua indústria associada a estes valores.

e) Regulação do Comércio Digital: restabelecer concorrência justa

8. Política europeia de regulação do e-commerce, com medidas urgentes:

- Controlo real nas fronteiras;
- Obrigatoriedade de rastreabilidade e transparência ambiental;
- Aplicação de sanções efetivas às plataformas que não cumpram os padrões exigidos às empresas europeias;
- Revisão do enquadramento legal do comércio transfronteiriço digital, hoje completamente ultrapassado.

f) Circularidade e fibras recicladas

9. Criar infraestruturas de recolha e reciclagem de fibras têxteis, bem como mecanismos que assegurem a sua reintegração na produção europeia.

g) Level playing field ambiental

10. Introdução de uma eco modulação que penalize quem transfere os custos ambientais para o planeta e valorize quem produz de forma responsável.

h) Flexibilidade laboral e produtividade

11. A produtividade exige hoje adaptação constante a mercados voláteis. É urgente atualizar o enquadramento legal da organização do tempo de trabalho:

- Permitir o banco de horas individual com acordos simples, salvaguardando sempre os direitos dos trabalhadores;
- Simplificar e tornar mais ágil o regime de *layoff*, de forma a proteger o emprego sem comprometer a viabilidade das empresas;
- Reduzir entraves legais à reorganização do trabalho em contexto de crise ou inovação.



Flexibilidade não é precariedade — é uma condição para a sobrevivência e o progresso da indústria.

6. Conclusão: a indústria não quer subsídios — quer justiça, visão, nivelamento do terreno de jogo

A ITV portuguesa não precisa de proteção. Precisa de coerência. Precisa de flexibilidade. Precisa de resposta rápida. Queremos competir. Queremos inovar. Queremos liderar.

Mas não podemos fazê-lo com as mãos atadas pela burocracia, pela carga fiscal injusta e por regras que só se aplicam a quem cumpre.

Ou valorizamos quem produz cumprindo as regras, ou em breve só teremos consumidores sem empregos e comércio sem responsabilidades. É tempo de decidir e agir.

Hoje, ser empresário tornou-se sinónimo de alto risco e de desvalorização social, quando deveria ser enaltecido quem cria empregos, riqueza e garantia de futuro. É preciso mudar esta perceção; é preciso promover o empreendedorismo e a confiança nos empresários.

É nesta conjuntura que a ATP celebra 60 anos de resiliência, superando contratempos e mantendo viva a sua missão agregadora. A indústria já deixou para trás a mão de obra barata em favor de valor, diferenciação e serviço, mas design, marca e intangíveis ainda aguardam exploração plena num mundo de redes colaborativas e concorrência global.

O Dia do Profissional Têxtil, instituído pela ATP em 2018 e que hoje também celebramos, homenageia todos os que acreditam no setor com orgulho e convicção. O mundo muda constantemente, e a indústria acompanhará essa evolução, exigindo coragem, visão e atos concretos dos agentes políticos e de todos os que trabalham neste setor.

Este será o meu último discurso como Presidente no Fórum da Indústria Têxtil, pois estou a terminar o meu mandato. Desde 2019, contei com o apoio de várias pessoas: desde logo dos meus colegas de Direção e restantes órgãos sociais, da equipa da ATP, mas também dos vários empresários e colaboradores desta indústria que me foram contactando, desafiando, procurando juntos encontrar soluções. Do meu lado estiveram também as diferentes instituições e seus representantes — centros tecnológicos, de formação, universidades. O poder político e a imprensa foram igualmente importantes neste percurso.

A todos os que me acompanharam e ajudaram na minha nobre e gratificante missão, o meu muito obrigado.

Mário Jorge Machado

4 de Julho 2025